Comunicação para todos: encontro além-mar com a professora Célia Sousa

DOI:10.18226/21784612.v31.e026020

ISSN online 2178-4612 Disponível: http://www.ucs.br/etc/ revistas/index.php/conjectura

Delcio Antônio Agliardi[1]

Uma porta aberta, uma visita, um diálogo, um abraço. Estas são palavras que emergem do ato de comunicar quando duas ou mais vidas se encontram. A linguagem é parte da essência do ser humano; e, na educação, carecemos da comunicação para ensinar e aprender.

A escrita deste texto se move entre ideias e vivências de dois docentes que atuam na formação de professores no ensino superior. Galeano (2003) diz que gente é como um mar de fogueirinhas, cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existe gente de fogo sereno e gente de fogo louco. Assim é Célia Sousa: uma pessoa de fogo louco, que enche o ar de chispas, e quem chega perto dela pega fogo. Por isso, a metáfora do fogo é fonte de observação acerca da vida de Célia, a qual é dedicada a questionar, a provocar e a inquietar outras vidas em seus percursos formativos.

A entrevista com a Profa. Dra. Célia Sousa, que ora publicamos, foi realizada no dia 10 de fevereiro de 2026, no Centro de Recursos para a Inclusão Digital da Escola de Educação e Ciências Sociais da Universidade de Leiria e Oeste, em Portugal, por ocasião de um convite, feito pela professora doutora Célia Sousa, ao professor doutor Delcio Antônio Agliardi para uma visita científica ao Crid e à Coordenação do Mestrado de Educação Especial, nos meses de janeiro e fevereiro do mesmo ano. Combinamos que a entrevista seria desenvolvida como um encontro dialógico entre professor e aluno e entre professores-pesquisadores, que, ao se movimentarem pelo

[1] Professor da Área de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutor em Letras, mestre em Educação pela UCS. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7853-5262. E-mail: daagliardi @ucs.br

universo das ciências humanas e sociais, bem como pelo universo cultural e suas particularidades, criam uma possibilidade para olhar a diversidade sociocultural presente na educação contemporânea. Assumimos que a entrevista seria pautada pela polifonia das nossas vozes, inspirada na filosofia da linguagem bakhtiniana (Bakhtin, 2011).

Ainda sob o efeito da Depressão Kristin, de 28 de janeiro de 2026, que deixou um rastro de destruição e de inundações na Península Ibérica, sobretudo no Concelho de Leiria, região central de Portugal, onde houve registro de mortos, feridos e centenas de desabrigados e isolados por conta da falta de energia elétrica e de telecomunicações, dialogamos em tom de empatia e amorosidade.

A professora Célia Sousa construiu um legado pautado nas ciências humanas e sociais, um horizonte que desperta a consciência educativa para inclusão, participação e equidade. Suas produções estão disponíveis em diferentes meios: livros, artigos, capítulos de livros, palestras, organização de dossiês, conferências, cartas, entrevistas em veículos diversos (como jornais, TV, rádio, web), participação em eventos da juventude e literários. Ainda, atua como professora-pesquisadora, coordena o Crid, assessora organizações responsáveis pela gestão de espaços públicos e privados e mantém uma presença ativa em instituições de interesse público.

Na entrevista, construímos enunciações de quem começa a dialogar e vai à frente, incluindo pausas, dúvidas, inquietações e concepções. Célia tem como lema de vida o respeito pelo outro. Para ela, o ato de se comunicar, respeitosamente, com o outro faz parte da essência do ser humano, o que se mostra fundamental para as ciências humanas e sociais. Defende, ainda, a autonomia para que as pessoas não dependam dos outros, o que se relaciona com a própria autoria de vida, algo essencial ao ser humano.

Inquietar mentes na formação de professores

Conjecturamos que esta entrevista encontrará um leitor das ciências humanas. Por isso, o interesse de trazer a expressão espontânea da entrevistada, bonita e carregada de sensibilidade: "ser professor é inquietar mentes". Célia situa essa escolha formativa em tom de voz carregado de emoção.

Célia: Eu costumo dizer que sou professora por um acaso, supostamente, eu não queria ser professora, não foi a minha primeira escolha. Hoje, passados todos esses anos, tenho uma outra compreensão: eu queria ser professora desde sempre, mas eu só consegui perceber isso mais tarde. Quando eu era criança, ao ser questionada sobre o que queria ser quando adulta, respondia que gostaria de ser o Prêmio Nobel, pois seria o máximo ganhar esse prêmio. Eu acreditava que isso era uma profissão e era o que eu queria fazer, porque eu achava que, se isso acontecesse, eu teria feito alguma coisa para mudar o mundo. No fundo, era esse o meu sentimento de criança.

Depois, comecei a fazer os meus estudos e não foi na área das humanidades, nem na área social. Todos os meus estudos, até entrar na universidade, se localizam na área das ciências exatas. Eu era uma mulher da área das ciências exatas, da matemática, da biologia, e não uma mulher das letras. No entanto, não sei se foi uma escolha ou um acaso, mas desde muito pequena, com dez anos de idade, quando eu vim estudar em Portugal, a escrita e a admiração pelo ato de ensinar me acompanharam.

Nessa época, a escrita foi uma saída para mitigar a saudade dos meus pais e da minha terra. Eu escrevia textos hipotéticos aos meus pais. Era uma maneira de elaborar os sentimentos e de "matar" a saudade deles. Eram cartas. Cartas imaginárias, uma maneira de contar aos meus pais o que eu sentia, as saudades que eu tinha deles e as saudades que eu tinha da África.

Eu cresci, mas a minha infância ficou na África e dentro de mim. Tenho, até hoje, recordações muito vivas da África, as quais me marcaram muito e acho que marcaram decisivamente a minha vida para sempre. Se eu voltar atrás, talvez tenha sido, naquele momento, [que tomei] a minha decisão, mesmo não consciente, [de] que eu queria ser professora.

Eu sou filha da escola pública, e havia uma coisa que me causava estranheza: eu era a única menina branca. Esse estranhamento fez nascer uma inquietação: por que havia tantas crianças na fazenda que meu pai administrava que não estavam na escola?

Entrevistador: O escritor moçambicano Mia Couto [2005] afirma que a escola nos dá acesso a outros mundos. Foi isso que aconteceu contigo?

Célia: Eu acho que sim. A escola de educação básica me deu uma outra visão do mundo. Eu comecei a questionar: não tenho irmãos, sou filha única, por que meninos e meninas não iam à escola? Por outro lado, meu pai era um grande companheiro e cúmplice das nossas aventuras. Pedi que construísse uma cabana com folhas de palmeiras (cocal). Nesse sítio, colocamos uma mesa e, ao final do dia, eu chamava todos os meninos da fazenda. Eles, alunos, e eu, professora, brincávamos de faz de conta. Porém, não sei se era um faz de conta, porque eles aprenderam a escrever o nome, aprenderam a ter contato com o papel, com os lápis, aprenderam a segurar um lápis na mão. Eu não tinha percebido, mas estava construindo minha identidade de professora.

Minha mãe dizia que eu seria, no futuro, professora. No entanto, como qualquer bom adolescente que gosta de enfrentar e desafiar os pais, eu respondia que nunca iria ser. Ao concluir os estudos na escola, candidatei-me a vários cursos: medicina, psicologia e educação. Nas férias de verão, esperei pelo resultado. Fui aprovada em primeiro lugar na Escola Superior de Educação de Coimbra, no curso de formação de professores. Como eu era muito jovem, com 18 anos de idade, e a maioridade civil em Portugal era de 21 anos, foi preciso uma declaração do meu pai, autorizando que eu pudesse estudar no ensino superior.

Porém, não bastava a classificação em primeiro lugar para o ingresso definitivo no curso. Fazíamos uma espécie de um estágio e éramos observadas no convívio com as crianças para perceber se, de fato, interagíamos com elas ou não. Uma experiência de formação de professores em Portugal que eu considerava extraordinária, pois os professores avaliavam nossa aptidão para a docência com crianças. Assim, vivenciando as interações com elas e com os professores formadores, decidi que queria ser professora. E sou.

Entrevistador: Inquietar é um verbo de luxo, porque é tudo que a gente deseja na relação com o outro. É deslocar, é tirar do lugar de conforto, e penso que, na sua vida, há uma dimensão histórica dessa inquietação, traduzida na sua experiência de vida na

fazenda, na relação com seus pais, nos acontecimentos inesperados da vida. Agora, no ensino superior, você é professora, orientadora, pesquisadora de novos professores. Quais concepções de formação de professores estão em jogo na atualidade?

Célia: Ser professora, para mim, é, de fato, exercer a atribuição de inquietar. Sou professora de futuros professores, de futuros técnicos em serviço social, e coordenadora de mestrado em educação especial. Nas aulas e nas orientações de teses, busco deixar claro aos meus alunos que eles estão aqui por alguma razão e, se não forem mentes inquietas, não poderão resolver os problemas lá de fora, nem vão ter soluções.

Entrevistador: É uma dimensão que mira propósitos específicos da formação humana e profissional: a prática educativa para a mudança?

Célia: É o nosso específico. É quando nós traduzimos o que pensamos numa prática de mudança. E isso é um exercício que eu faço muitas vezes com os meus alunos. Há dias em que eu prefiro não dar um conteúdo, escolho sentar-me com eles e converso com o propósito de inquietá-los. Colocar-lhes assuntos que os inquietem é nosso compromisso docente. Penso que nós vivemos num momento em que os seres humanos se inquietam muito pouco. Paulo Freire chamava isso de exigência para ensinar, isto é, uma coisa que todos nós, professores, devíamos ter: essa capacidade de inquietar os nossos alunos.

Estamos atravessando uma época, em perspectiva mundial, em que a juventude se inquieta e reflete pouco. Os jovens são capazes de escrever rapidamente um comentário nas redes sociais, contudo, isso nem sempre é acompanhado de pensamento reflexivo. Vivemos um momento histórico em que as pessoas estão se esquecendo dos valores humanos e de tudo que nós construímos ao longo da história.

Por isso, é preciso que as pessoas se inquietem, percebam como é que a humanidade evoluiu e por quais fases ela passou. Os professores do ensino superior têm esse privilégio de poder inquietar as mentes dos estudantes.

Entrevistador: A sua tese de doutorado, elaborada em uma universidade da Espanha, versa sobre a comunicação acessível, uma

conquista de direitos na perspectiva da inclusão de pessoas de todas as idades, um ideal que se materializa no Crid, na presença junto aos órgãos portugueses, internacionais, e na relação com outros países, inclusive, nas universidades brasileiras. A inclusão é o novo desafio da educação?

Célia: Sim, a tese surgiu nesse contexto. Um movimento começou a surgir em Portugal como resposta à educação das crianças com deficiência, uma realidade que eu não conhecia. Quando tinha a oportunidade, participava de seminários na universidade, geralmente, vinculados à saúde. Percebi, então, que deveríamos sensibilizar futuros professores para o trabalho junto às pessoas com deficiência. Fiz uma outra licenciatura na área da educação especial, quando começo a trabalhar com essa população, observando que grande parte da população com deficiência está esquecida pela humanidade e invisível à sociedade. As pessoas com deficiência intelectual, as pessoas diagnosticadas com autismo, os surdos e os cegos. É evidente que as pessoas surdas e cegas, desde o século XVII, têm suportes para se comunicar. E as outras? De quais suportes precisam? Como a sociedade responde a essa necessidade?

O paradigma da inclusão revela que não fazemos comunicação para todos entenderem, porque isso não é uma questão somente de nós, professores, mas de muitos intelectuais, que se comunicam com seus pares e não percebem a relevância de criar estratégias para dar ferramentas às pessoas com deficiência. Ao abrir o laboratório do Centro de Recursos para a Inclusão Digital, há 20 anos, buscamos, nas ferramentas de tecnologias de informação e comunicação, uma resposta socioeducativa e percebemos que elas não eram suficientes. Por isso, a tese de doutoramento foi na área da comunicação acessível.

Entrevistador: O projeto que você desenvolve, de leitura inclusiva partilhada, é uma iniciativa que torna o livro vivo para os leitores que estão à espera do direito à leitura. Quais concepções sustentam esse projeto?

Célia: A escrita faz parte da minha história de vida, seja na escrita de cartas imaginárias para meus pais, à época da educação básica, ou no exercício da docência no ensino superior. Em 2010, publiquei meu primeiro livro de história infantil e percebi que ele

não era acessível a todas as crianças. Se a leitura é um direito de todos, é o alimento da mente e do imaginário, logo, é preciso criar estratégias para transformar o livro em um objeto acessível a todos os leitores, com ou sem deficiência.

O livro multiformato impresso apresenta o conteúdo utilizando a combinação de diversos recursos e formatos que tornam a leitura mais acessível, como texto aumentado, uso de braile, imagens em relevo com legenda, utilização das técnicas de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) como escrita fácil e pictogramas. Esses recursos ampliam o acesso dos leitores de diferentes necessidades, têm natureza multissensorial, pois oferecem diferentes experiências de leitura com o corpo (tato, olfato e movimentos), favorecendo estímulos sensoriais e a interação do corpo com objetos relativos à história narrada.

Em Portugal, temos a expressão popular "espartilhado". Isso significa que, em cada momento, estamos pensando em um público específico: a gente vai comunicar para os cegos; depois, para os surdos; para os idosos; para os intelectuais, ou seja, tudo "espartilhado". Parece-me que vivemos em uma sociedade onde a comunicação se vale a todo instante da imagem. Muitas informações nos chegam através de imagens. Então, por que não podemos pensar em uma comunicação para todos?

A partir dessa inquietação, nos apropriamos do conceito de design universal, pois ele já é amplamente utilizado em diferentes espaços sociais, por exemplo, shoppings, centros culturais e em vários sítios. Passamos a considerar a possibilidade de publicar um livro que conseguisse contemplar todas as múltiplas leituras possíveis. Um livro compreendido como um instrumento de inclusão e de cuidado com as vidas humanas. Não é um livro feito para crianças com deficiência, é um livro feito para qualquer pessoa, uma forma de despertar consciências para a leitura compartilhada.

Entrevistador: Você percebe que o mercado editorial português está aberto para a publicação de livros multiformato?

Célia: É preciso todo um movimento para chegar aos editores e às editoras. O mercado editorial de Portugal não está aberto. Acha bonito, interessante, mas, depois, diz "não" com o argumento de que não há público. A experiência do Crid é que os livros

multiformato impressos esgotam rapidamente, portanto, sendo um livro que esgota muito rapidamente, tem público. E se ele é um livro para todos, com e sem deficiência, a resposta já está dada: qualquer leitor compra o livro multiformato.

Eu defendo que o mercado editorial, no mundo inteiro, precisa começar a pensar e a voltar-se para isso, sobretudo, os países de língua portuguesa, pois somos muitos e não devemos ser escravos da língua inglesa. A língua portuguesa tem 280 milhões de falantes no mundo e a previsão é de que, em 2030, será a quarta língua. Nós percebemos o valor que ela tem, com as suas nuances e riquezas, e ela poderia ser o elo de união na diversidade.

As crianças aprendem juntas

Célia: O design universal de aprendizagem (DUA) é um conceito que nasceu nos Estados Unidos e tem como base o design universal ligado à arquitetura. O que nós temos feito, desde 2018, especialmente para responder à legislação da educação portuguesa, é buscar concretizar o ideal de que as crianças aprendem juntas, ou seja, a nossa escola é para todos, uma mudança de paradigma. Assim, o DUA entra nesse cenário educacional. Uma escola para todos implica reconhecer a diferença, a diversidade de estudantes e as aprendizagens diferentes.

Um dos propósitos do DUA é valorizar o ensino na perspectiva de que as crianças aprendem por caminhos diferentes, logo, o mesmo acontece com o ato de ler. Assim, ao usar métodos diferentes, buscamos um novo modo de pensar a escola para todos. Quando planejo uma aula, por exemplo, começo por reconhecer o perfil dos alunos, o quanto são diferentes entre si e as diferenças de ritmos e modo de aprender. Para uns, imagens ajudam na compreensão da mensagem do texto; para outros, pequenos textos contribuem para a superação das dificuldades de concentração.

Entrevistador: Percebo que você tem um trabalho de diálogo com outros pesquisadores do mundo. No Crid, estão estudantes de diversas universidades. Qual perspectiva você vê para a ciência, para a tecnologia, para a educação, diante desses diálogos que estão tão fortes entre vocês e países da América Latina, da Europa e de outras regiões do mundo?

Célia: Eu tenho tido o privilégio de cruzar com pessoas muito interessantes e de maneiras de pensar muito diferentes. Penso que estamos avançando, mas sinto que nós temos um novo tipo de investigadores. Durante muito tempo, sentimos que nós, investigadores das ciências humanas e da área social, não éramos respeitados como deveríamos. Temos de trabalhar o dobro ou o triplo para podermos ser respeitados. Por que é mais facilmente respeitado alguém das ciências exatas? Porque ele aplica uma fórmula, faz um estudo e tem um resultado imediato, e nós trabalhamos com seres humanos.

Mudar mentalidades e hábitos é algo extremamente complexo. Essa dualidade me parece que está em questionamento por esse perfil de novo investigador. Há um grupo de jovens que começaram a ver a ciência de uma maneira diferente. Ou seja, a vê-la mais humana. Com isso quero dizer, filhos de ciência mais humana. Não estão fazendo o estudo só por fazê-lo, há um desejo de mudar alguma coisa na humanidade.

Nós, do ensino superior e os nossos pares de investigadores, somos escravos da publicação de artigos que muita gente não lê; artigos científicos que publicamos para os nossos pares. E eu penso que há uma preocupação desses novos jovens investigadores, na área das ciências humanas, acerca do impacto na sociedade. Como é que eu vou impactar a sociedade?

Com a continuidade da pesquisa, com a inquietação diante dos problemas contemporâneos e com a prática do testemunho. Quero que outras pessoas no mundo inteiro continuem aquilo que eu comecei. Os estudos só melhoram com outros estudos, não há outra maneira. O conhecimento não foi feito para ficar fechado atrás das portas da universidade, precisa estar na rua e, principalmente, entre outras pessoas.

Os estudantes começaram a perceber que fazer ciência implica pensar a comunicação para que outras pessoas possam entender. É uma mudança, mesmo diante da preocupação de que não há apoio suficiente para quem investiga na área das humanidades. Muitas das bolsas são distribuídas para os investigadores das ciências exatas e não para as pessoas das ciências humanas.

Entrevistador: Em algum momento da sua vida, você recupera as suas cartas imaginárias escritas aos seus pais na infância?

Célia: Não, eu tenho as minhas cartas de infância guardadas até hoje, não sei se alguma vez as vou publicar. Talvez as publique depois da morte dos meus pais, pois são escritas íntimas e de cobrança pelo fato de sair de casa com dez anos de idade para estudar noutro país. Naquela época, eu não conseguia perceber o porquê não poderia ficar em Moçambique a estudar.

É claro que eles queriam me dar o melhor. Eu venho de uma família muito simples, humilde, mas meus pais sempre acharam que era através do estudo que eu poderia alcançar êxito na vida. O estudo era a melhor ferramenta que eles podiam me dar. Era acessar outros mundos que o Mia Couto fala. Sim, a escola era acessar outros mundos que eles não tinham tido oportunidade de acessar. Meu pai sempre achou que a melhor coisa que poderia me dar era a escola, ela iria abrir outros mundos. Quando escrevia essas cartas, eu não tinha essa noção. Eu reclamava porque estava longe deles.

Entrevistador: Eu gosto de um tema que está presente na tua vida: como colocar os livros na vida dos leitores. Você desenvolve um projeto de leitura inclusiva partilhada, algo que pode tornar o livro vivo. Vamos dialogar sobre isso?

Célia: Eu escrevo, essencialmente, para crianças. Minha primeira publicação literária é uma história infantil. O resultado foi um "murro no estômago" [expressão usada em Portugal na linguagem figurada para descrever uma situação que causa uma sensação de mal-estar], isto é, a crítica foi dirigida a mim nos seguintes termos: uma mulher que acredita na inclusão, que se dedica à comunicação, lança um livro e ele não chega a todas as crianças porque não é acessível.

Desse modo, comecei a pensar que a leitura é um direito de todos, tal como a escola nos abre portas, a leitura abre mentes. A leitura é o que alimenta a nossa mente, o nosso imaginário, nós podemos viajar com a leitura, nós podemos estar felizes, contentes. Os livros são fundamentais. então, naquele momento, em 2010, eu começo a refletir que é preciso fazer alguma coisa que transforme os livros. Foi um processo longo, porque começamos fazendo aquilo que toda a gente fez na sociedade, o mais fácil, que é transformar

um livro em branco para pessoas cegas, em braile. Portanto, o livro multiformato impresso é uma resposta à leitura para todos, ao utilizar a combinação de diversos recursos e formatos que tornam a leitura mais acessível: texto aumentado, imagens em relevo com legenda, escrita fácil, pictogramas, audiodescrição, braile, língua gestual etc. São esses recursos que contribuem para ampliar o acesso dos leitores de diferentes necessidades e oferecem diferentes experiências de leitura com o corpo: tato, olfato e movimentos, propiciando estímulos sensoriais e a interação do corpo com objetos relativos à história narrada.

Diálogo aberto

Ao mergulhar nas vivências e nas produções de Célia, compreendemos o quanto é valiosa sua contribuição para as ciências humanas e sociais. Ela é uma mulher, professora, mãe, pesquisadora, que se dedica a uma causa, genuinamente, voltada a um mundo melhor para todos. Sua obra está incompleta. Nas próprias palavras dela: "gostaria que o meu legado fosse continuado por outras pessoas". Para quem queria um Nobel que significasse a transformação, o resultado não poderia ser outro: a humanidade tem em Célia uma daquelas pessoas incansáveis, de bravura no pensamento e na ação, que compreenderam a essência da educação como uma forma de intervenção no mundo, com amorosidade e justiça existencial.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2011.

COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. 10. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2003.

Submetido em 17 de julho de 2026.
Aprovado em 08 de outubro de 2026.